

## Artigos Originais

# Pensando a prática no futebol de mulheres: a parceria entre Athletico Paranaense e Foz Cataratas (2019)<sup>1</sup>

Thinking about women's soccer: the partnership between Athletico Paranaense and Foz Cataratas (2019)

Pensando en el fútbol femenino: la asociación entre Athletico Paranaense y Foz Cataratas (2019)



**Marcela Caroline Pereira**

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

E-mail: marcelacpereira@uepg.br



**Edina Schimanski**

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

E-mail: edinaschi@gmail.com

**Resumo:** Este texto objetiva analisar as condições para atuação futebolística das mulheres jogadoras da equipe Foz Cataratas após a associação realizada com o clube Athletico Paranaense em 2019. Para tanto optou-se por um estudo de caso realizado através de observações e entrevista semiestruturada aplicadas à quatorze jogadoras e ao dirigente. As narrativas foram analisadas com base na metodologia denominada Análise de Conteúdo (Bardim, 1979). Verificou-se que as ações fomentadas pelas entidades futebolísticas impactaram positivamente ao trazer oportunidades para um número maior de mulheres, mas não garantiu melhorias nas condições de atuação das jogadoras e não remeteu a profissionalização no futebol de mulheres, especialmente para equipes com baixo capital simbólico, localizadas fora dos centros futebolísticos.

**Palavras chave:** Condições. Futebol. Mulheres.

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

**Abstract:** The aim of this text is to analyze the conditions in which women players from the Foz Cataratas team can play football after the association with the Athletico Paranaense club in 2019. To this end, we opted for a case study carried out through observations and semi-structured interviews applied to fourteen female players and the manager. The narratives were analyzed using the methodology known as Content Analysis (Bardin, 1979). It was found that the actions promoted by soccer organizations had a positive impact by bringing opportunities to a greater number of women, but did not guarantee improvements in the playing conditions of the players and did not lead to the professionalization of women's soccer, especially for teams with low symbolic capital, located outside the soccer centers.

**Keywords:** Conditions. Football. Women.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo analizar las condiciones para el rendimiento futbolístico de las jugadoras del equipo Foz Cataratas después de la asociación con el club Athletico Paranaense en 2019. Para ello, optamos por un estudio de caso realizado a través de observaciones y entrevistas semiestructuradas con catorce jugadoras y el dirigente. Las narrativas fueron analizadas utilizando la metodología de Análisis de Contenido (Bardin, 1979). Se constató que las acciones promovidas por las organizaciones de fútbol tuvieron un impacto positivo al traer oportunidades a un mayor número de mujeres, pero no garantizaron mejoras en las condiciones de juego de las jugadoras y no condujeron a la profesionalización del fútbol femenino, especialmente para los equipos con bajo capital simbólico, localizados fuera de los centros futbolísticos.

**Palabras-clave:** Condiciones. Fútbol. Mujeres

Submetido em: 25/08/2023

Aceito em: 08/11/2023

## Introdução

No Brasil, as condições para as mulheres atuarem no futebol são instáveis e pouco consolidadas. Porém, emergiram ações desenvolvidas por agentes que compõem este campo visando transformar tais condições. Bourdieu (1996) entende que todo campo possui uma relação de forças entre os agentes, em que uns buscam a conservação e outros a transformação de sua estrutura.

As condições oferecidas para as mulheres giram em torno da informalidade dos contratos de trabalho e precarização de direitos trabalhistas (Haag, 2018); da falta de auxílio financeiro e recursos físicos, que dificultam a obtenção de um alto rendimento das jogadoras (Balardin *et al.*, 2018) e de uma estrutura amadora, resultando no baixo rendimento e na falta de patrocínios, fatores que levam o futebol de mulheres às margens de um campo profissional consolidado (Salvini; Marchi Junior, 2016).

Alguns estudos (Pisani, 2012; Souza Junior, 2013; Salvini; Marchi Junior, 2016; Costa, 2016) apontam a importância das entidades futebolísticas, agentes com maior volume de capital simbólico no processo de transformação desse campo a fim de que as condições de atuação das jogadoras. Observa-se que, em 2016, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) aprovou o novo Regulamento de Licença de Clubes (RLC) estabelecendo critérios esportivos aplicados às equipes que buscam disputar competições nacionais e continentais. Dentre esses critérios, a tabela I do regulamento apresenta: o Clube requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou fazer acordo de associação<sup>2</sup> com um clube que já tenha um time estruturado no prazo de dois anos. Além disso, o solicitante deverá providenciar toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento das equipes femininas com condições adequadas (CONMEBOL, 2016). Como resultado dessa medida, no ano de 2017 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF, 2017) exigiu que todos os clubes que disputam o

<sup>2</sup> Termo utilizado no Regulamento de Licença de Clubes (2016), que se refere ao dever do solicitante (clube) ter uma equipe principal feminina ou associar-se a um clube que a tenha.

Campeonato Brasileiro masculino - série A, deveriam ter um time feminino participando de alguma competição, em nível nacional ou estadual até o ano de 2019. Em síntese o Campeonato Brasileiro é a principal competição nacional disputada entre clubes e dividida em quatro divisões: A, B e C, com 20 times cada uma, e Série D que contempla os demais times.

Embora existam ações ativas e afirmativas que parecem avançar em relação as condições de atuação das mulheres no futebol, “concomitantemente, há um espaço reativo que busca conservar e defender uma suposta identidade masculina que se diz proprietária do futebol” (Machado, 2019, p. 1), ou seja, nota-se que a ação obrigatória estabelecida pela Conmebol não foi bem recebida no campo futebolístico. Em 2018, Gabriel Camargo, presidente do Tolima, equipe da Colômbia, declarou que ‘o futebol feminino é um tremendo terreno fértil para o lesbianismo’. Camargo se referiu ao Atlético Huila, que venceu a Libertadores de 2018 em confronto contra o Santos, realizado em Manaus (Pereira; Garboggin, 2020, p. 7). Além de comentários como esses, notou-se que poucos times se adequaram à medida obrigatória no tempo estabelecido pelas entidades (dois anos). No Brasil, segundo Pereira e Garboggin (2020), no ano de 2019, estipulado para cumprimento da medida, apenas sete clubes (Ceará, Corinthians, Flamengo, Grêmio, Internacional, Santos e Vasco) participantes do campeonato nacional tinham iniciado suas equipes femininas.

No estado do Paraná, localizado na região Sul do país, verificou-se que somente no final de 2018, o clube Athletico Paranaense cumpriu a medida obrigatória da Conmebol, se associando a equipe feminina “Foz Cataratas”. Diante desse contexto, o objetivo geral desse estudo é analisar as condições para atuação futebolística das mulheres jogadoras da equipe Foz Cataratas<sup>3</sup> após a parceria realizada com o clube Athletico Paranaense.

<sup>3</sup> A justificativa da escolha da equipe Foz Cataratas pertencentes a esta região do Brasil está descrita no tópico metodológico deste artigo.

## Metodologia

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado<sup>4</sup>, que se realizou um estudo de caso. Esta metodologia possibilitou um aprofundamento do fenômeno e uma visão abrangente dos acontecimentos da realidade estudada, portanto, o caso precisa ser representativo, construindo um conhecimento que possa embasar e dialogar com outros estudos acerca desta temática (Yin, 2001).

Considerando os aspectos metodológicos, a delimitação do time estudado ocorreu com base na dimensão do futebol de alto rendimento, selecionando o Foz Cataratas que participava da Série A1 do Campeonato Brasileiro (2019), competição de alto nível em esfera estadual e nacional, na época, dividida em duas divisões denominadas de A1 com 16 times e A2 com 36. A escolha pelo Foz Cataratas, time do estado do Paraná, também se justifica pela existência de um falso entendimento de que a história do futebol brasileiro pode ser sintetizada nos fatos que ocorrem nos centros urbanos. Ao escolher um time situado no estado do Paraná, busca-se romper essa lacuna, retratando outras realidades brasileiras, pois “grande parte dos estudos produzidos tem se limitado a realizar exaustivas abordagens dos grandes centros futebolísticos, fundamentalmente do eixo Rio – São Paulo” (Freitas Junior, 2000, p. 3). Esse contexto se estende ao futebol de mulheres, pois Kessler (2015) ressalta a invisibilidade de times do Rio Grande do Sul no cenário nacional do futebol de mulheres em comparação aos centros de profissionalização da região Sudeste. A autora ressalta que essa região, mais especificamente São Paulo, foi considerada pelas jogadoras riograndense o estado com maior volume de capital<sup>5</sup>.

Para realizar a interlocução com os agentes do Foz Cataratas, optou-se pela observação e entrevista semiestruturada, principal fonte de evidências no método Estudo de Caso (Yin, 2001). A observação e as entrevistas foram realizadas no processo de inserção da pesquisadora no campo estudado (residência das jogadoras

<sup>4</sup> Para ver maiores informações, consultar a tese nas referências: Pereira (2022).

<sup>5</sup> Kessler (2015) utiliza o conceito de Capital proposto por Bourdieu, evidenciando algumas diferenças existentes entre as regiões Sudeste e Sul no futebol de mulheres. Para verificar com mais profundidade essas questões abordadas pela autora, ver a tese nas referências: Kessler (2015).

entrevistadas, momentos de treinos e jogos). Nesse sentido, estruturou-se o diário de campo, tentando demonstrar o processo de aproximação e acompanhamento dos agentes da pesquisa e as entrevistas com três significativos agentes que compõem o cenário de um clube: as atletas, os técnicos e os gestores (presidentes)<sup>6</sup>. Esses dois últimos são relevantes por serem detentores de saber em relação à infraestrutura e organização dos times. Foram obtidas dezessete entrevistas individuais: dezesseis com as jogadoras (J) e uma com o técnico/presidente do clube (T/D).

Para a análise dessas entrevistas adotou-se a metodologia Análise de Conteúdo (A.C.), que direciona o pesquisador no que está aparente e latente nos mais diversos tipos de discursos. Bardin (1979) demonstra que a A.C. está dividida em torno de três pontos: 1) a pré-análise, momento da organização da pesquisa; 2) a exploração do material, administração sistemática das tomadas de decisões ocorridas na etapa anterior; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, que se refere à análise final e as interpretações das informações coletadas.

Neste artigo, o debate está subsidiado no eixo denominado na tese como “Futebol e profissionalização”<sup>7</sup> que está relacionado as condições de atuação das mulheres jogadoras do Foz Cataratas, após a medida estabelecida pelas entidades (COMENBOL e CBF).

## Resultados e discussões

Para Bourdieu (1996), é preciso considerar as ações dos agentes (dominantes e dominados) que buscam manter ou modificar a estrutura de determinado campo. Intentando perceber as relações (visíveis e invisíveis) existentes no futebol brasileiro, destacou-se os agentes (pessoas/grupos e instituições) que compõem a lógica estrutural da modalidade. Nesta estrutura identifica-se

<sup>6</sup> Vale destacar que esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UEPG na Plataforma Brasil, sendo necessário a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos agentes entrevistados e do Termo de Assentimento assinado pelo clube em questão.

<sup>7</sup> Para ver a entrevista de modo geral, consultar a tese nas referências: Pereira (2022).

alguns agentes sociais que vão determinar as regras do campo e outros que vão - quase sempre - obedecê-las.

A estrutura futebolística brasileira é composta por duas entidades máximas que comandam a modalidade: o Comitê Olímpico Internacional (COI), que controla os esportes olímpicos; e a FIFA, que controla todos os aspectos acerca do futebol, bem como por suas subsidiárias: a CONMEBOL, dirigente do futebol sul-americano e a CBF que fomenta a modalidade no Brasil.

Por meio de uma hierarquia, a FIFA possui domínio total em relação ao futebol profissional, ou seja, não existe futebol profissional fora do seu sistema. Nessa estrutura, a FIFA se apresenta como agente dominante, sendo a maior detentora de capitais: o econômico, social e político (Favero, 2009). Embora a FIFA se autodenomine não-governamental e sem fins lucrativos, Pizarro e Rial (2018) compreendem que esta possui uma gestão corporativa, conduzindo um mercado bilionário a nível global e dentro do campo esportivo, as entidades filiadas são subordinadas às suas regras internacionais (Pizarro; Rial, 2018).

A FIFA se posicionou de forma contrária ao futebol de mulheres em 1951, se recusando atuar em prol da modalidade com base em questões biológicas e educacionais (Franco Junior, 2007). Mesmo diante da expansão da modalidade com a revogação da proibição de mulheres no futebol em vários lugares, somente em 1988, a entidade organizou um torneio internacional feminino na China, e em 1991, a primeira Copa do Mundo da categoria. A Alemanha Ocidental, Inglaterra e França haviam suspendido o veto desta prática desde o ano de 1970 (Franco Junior, 2007). Em 1995, na segunda Copa do Mundo feminina (Suécia), o secretário geral da FIFA à época - Joseph Blatter, estava convencido que por volta de 2010 o futebol feminino seria tão importante quanto o masculino (Franzini, 2005).

As Diretrizes de Programas para desenvolvimento do futebol feminino (2012) da FIFA, reforçam que seus membros precisam ser peças fundamentais no processo de crescimento do futebol



de mulheres. Dentro dessa proposta, a FIFA demonstrou interesse em promover a modalidade através de apoio financeiro e destacou a importância da presença das mulheres nas tomadas de decisão no campo futebolístico. Além disso, a entidade construiu a cartilha “Estratégia no Futebol de Mulheres” (FIFA, 2018, tradução nossa), explicando as formas para expandir o futebol de mulheres no mundo.

Segundo Souza Junior (2013), as propostas estabelecidas pela FIFA permitiriam inúmeros avanços no futebol de mulheres, mas a própria entidade contribui para a precarização dessas políticas, na medida que não se estabelece como agência responsável pelo acompanhamento da implementação destas por parte de suas afiliadas. Souza Junior (2013) percebeu que a CONMEBOL e a CBF mantêm uma estrutura mínima funcionando, apenas para “cumprir protocolos” com a FIFA.

Em 2016, a CONMEBOL em seu novo RLC, estabeleceu critérios desportivos e em 2017, a CBF – entidade que concede a licença aos Clubes requerentes – enviou um ofício aos clubes pertencentes às séries A e B, informando sobre esses critérios, devendo fiscalizar a adequação aos mesmos até o ano de 2019. Porém, Cacioli (2018), do Estadão e Consenzo, Cardoso e Aquino (2018), da Folha de São Paulo, mostraram que faltando poucos meses para 2019, nem 50% dos clubes tinham seu time feminino. Em janeiro de 2019, Alves (2019) do Globo Esporte, verificou que, dentre as 20 equipes, 13 clubes precisavam agir para atender os critérios do novo Regulamento das entidades. Além disso, observa-se que seis criaram um time de modo independente e quatorze fizeram parceria com uma equipe feminina já existente.

Embora a medida obrigatória tenha aumentado o número de times femininos, questiona-se seus efeitos sobre as condições para atuação da mulher jogadora. Acredita-se que tal medida será meramente simbólica se não refletir na melhora das condições em que as equipes atuam, pois, a luta para se inserir neste campo é constante, e acima de tudo, para permanecer no mesmo (Pereira, 2022).



A parceria entre o Athletico Paranaense com o Foz Cataratas foi um dos efeitos da medida obrigatória estabelecida pelas entidades e para compreendê-la buscou-se contextualizar a realidade empírica desta equipe. Tal pesquisa traz exemplos práticos na construção do processo cognitivo e configura-se como “particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como caso particular do possível, isto é, uma figura em um universo de configurações possíveis”. (Bourdieu, 2004, p. 15).

O futebol de mulheres no Paraná não acompanhou a crescente da modalidade ocorrida no Brasil e devido ao pouco investimento na estruturação das equipes, elas não se destacaram dentro do campo futebolístico (Saviani, 2019). Em 2019, o Campeonato Paranaense de Futebol Feminino teve somente quatro times inscritos (Foz Cataratas; Londrina; Imperial e Toledo), mesmo número de times (4) do ano de 2018, contexto que deveria ser modificado com a medida obrigatória das entidades (Saviani, 2019).

Segundo o técnico e dirigente do Foz Cataratas, falta incentivo da Federação Paranaense para aumentar o número de equipes no campeonato estadual, ressaltando em entrevista, “agora para o ano que vem, com exigências que veio da FIFA pra CONMEBOL, o número de equipes participantes do Estadual deve aumentar” (T/D, entrevista concedida em 2019). Observa-se um cenário de boas expectativas para o futebol de mulheres no Paraná, mas em 2020 o que ocorreu foi uma instabilidade e um enfraquecimento do Campeonato com a redução de times inscritos, restringindo-se à participação somente do Imperial e do Athletico Paranaense. Somado a este momento adveio a pandemia ocasionada pelo Coronavírus (COVID-19), a qual afetou todo o futebol brasileiro.

Compreende-se que o Foz Cataratas sofreu os reflexos deste contexto, equipe caracterizada como uma das mais tradicionais do futebol feminino, constituída desde 2010, que conquistou diferentes títulos em sua trajetória: Copa do Brasil (2011), vice-campeã da Libertadores (2012), 3º lugar no Campeonato Brasileiro – série A1 (2013). Segundo T/D (entrevista concedida em 2019), a luta para permanecer no campo futebolístico esteve sempre presente de-

vido ao baixo capital econômico comparado a outros clubes de renome que possuem o masculino como elemento principal.

Segundo Pisani (2012), a trajetória do Foz Cataratas iniciou de modo positivo ao despontar como uma das melhores equipes de futebol feminino do Brasil, constituída através da iniciativa do jornalista Luciano do Valle em 2010. O T/D corrobora que a equipe foi um projeto idealizado por Do Valle e Clayton Lima, sendo apresentado à Marcio Ferreira, na época Secretário de Esportes, e em Alexandro Fonganholi, diretor da Secretaria de Esportes de Foz do Iguaçu. Desde então T/D se tornou técnico da equipe e logo na sequência, em 2011, precisou assumir a gestão para manter a equipe em funcionamento, tornando-se também dirigente do Foz Cataratas. A equipe obteve diferentes denominações devido as parcerias que realizou durante sua trajetória.

Dentre a associação mais significativas está a Itaipu, usina hidrelétrica binacional, localizada na fronteira entre Brasil e Paraguai. T/D (entrevista concedida em 2019) ressalta que a Itaipu patrocinou a equipe desde 2016, porém, encontram-se indícios de que a entidade já tinha relações com o Foz Cataratas desde 2013 visto que neste período já treinavam no campo do Parque Tecnológico Itaipu (Itaipu Binacional, 2013).

No período em que se realizou a pesquisa (2019), T/D relatou sobre algumas dificuldades perpassadas devido ao corte de aporte financeiro da Itaipu, pois havia modificado a diretoria da empresa, auxiliando somente com a estrutura física para os treinos: campo, academia, vestiários; lavanderia e o escritório da equipe.

Observou-se que a equipe técnica do Foz Cataratas estava reduzida, contando com um preparador físico, Brito Dornelles, e um preparador de goleira, Dedé Oliveira. Vale destacar que o motorista do ônibus das jogadoras desenvolvia outras tarefas na equipe: roupeiro, organização dos materiais antes e após aos jogos/treinos e auxiliar técnico. “Era para eu ser o motorista, mas eu sou o faz tudo aqui” coçando a cabeça e sorrindo (Motorista, entrevista concedida em 2019). Possivelmente, nesse período, essas dificul-

dades eram resultantes da crise financeira que o Foz Cataratas vivenciava. T/D ressaltou “Marcela, hoje estamos passando por um momento bem difícil [...] com a mudança de diretor na gestão da Itaipu este ano, perdemos o auxílio. Com isso, estamos com um número reduzido de pessoal e há alguns salários atrasados” (T/D, entrevista concedida em 2019).

O elenco de jogadoras também estava com um número reduzido, especialmente para o futebol de campo. Dentre as 16 jogadoras do time principal, duas jogavam também na equipe sub-18, duas eram goleiras e uma tinha recém-chegado para jogar somente aquela fase do Campeonato Brasileiro e iria embora na sequência. Com a redução no elenco de jogadoras, os treinos coletivos só eram possíveis com o auxílio da equipe sub-18. Observa-se que este contexto dificultava o bom desempenho das jogadoras do Foz Cataratas, pois o Campeonato Brasileiro – série A1 envolve o alto rendimento das jogadoras e o nível das outras equipes eram mais elevados. Nesse sentido, T/D ressaltou “Nosso elenco de jogadoras está reduzido e os jogos não estão tendo os resultados que precisamos, mas a gente está trabalhando para que o cenário melhore” (T/D, entrevista concedida em 2019).

Diante dessa estrutura, compartilha-se da compreensão de como Souza Junior (2013), que as condições são desfavoráveis para as jogadoras, na medida que evidencia a falta de estrutura profissional para o desenvolvimento da modalidade no clube. Portanto, entende-se que a falta de apoio/patrocínio, especialmente financeiro, resulta em condições desfavoráveis para a atuação profissional, em nível de alto rendimento, da equipe futebolística, que dificilmente conquistará bons resultados nos campeonatos.

No ano de 2016, o Foz Cataratas conquistou a participação na Libertadores, período que curiosamente tinha fechado parceria com o Coritiba Foot Ball Clube. Esta parceria ocorreu devido a Lei do PROFUT - Programa de Modernização da Gestão e da Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, criado em 2015, regulamentado pela Lei Federal nº 13.155. Para aderir ao PROFUT, as entidades desportivas profissionais de futebol tinham algu-

mas condições. Dentre elas, observa-se a “[...] manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino” (BRASIL, 2015). Cabe a APFUT estabelecer um padrão para investimento e fiscalizar o cumprimento desta condição prevista no Art 4º da Lei (BRASIL, 2015). Para Carlos Alberto de Souza, presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF), é importante especificar a forma que o investimento proposto pelo PROFUT seria realizado, pois para ele, as medidas estabelecidas são positivas, mas ainda é preciso pensar nos efeitos práticos para a realidade do futebol feminino (Nevez; Azambuja, 2017). O presidente destaca que os clubes podem entregar algumas bolas para a equipe feminina, alegando que isto pode ser um investimento, portanto, é necessário que ocorra a regulamentação do apoio (Neves; Azambuja, 2017).

Para cumprir a medida obrigatória estabelecida pela Conmebol, em 2019 o Atlético Paranaense oficializou a parceria com o Foz Cataratas, mas a equipe ficou em décimo quarto lugar no Campeonato Brasileiro, sendo rebaixado para a série A2. No Campeonato Paranaense conquistou o primeiro lugar diante da disputa com três times<sup>8</sup>, mas o Athletico Paranaense anunciou o rompimento com o Foz Cataratas para criar um time independente e no ano de 2020 o Foz Cataratas não entrou na disputa do Campeonato Paranaense, do qual o time sempre foi destaque.

Neste ano de 2020, verificou-se que o Foz Cataratas perpassava por maiores dificuldades devido a pandemia – Covid 19. “Foz Cataratas feminino faz vaquinha para arrecadar dinheiro e se manter na temporada do Brasileiro A2 em 2020: a equipe de Foz do Iguaçu precisa de apoio para não fechar as portas” (Melo, 2020). O dirigente do clube ressaltou que “Nós estamos passando por um ano muito difícil, a pandemia dificultou tudo para nós, mas vamos sobreviver” (T/D, entrevista concedida em 2019). Observa-se que a busca pela sobrevivência foi sempre presente na trajetória do Foz Cataratas desde seus primeiros passos (2009) até os dias atuais. Um time com baixo capital, sobretudo econômico, que vem persistindo para permanecer no campo esportivo e futebolístico.

<sup>8</sup> Imperial Futebol Clube, Toledo Esporte Clube e Londrina Esporte Clube.

Nesse sentido, vale refletir sobre os reais efeitos da medida estabelecida pelas entidades em 2016 que trouxe a parceria entre o Athletico Paranaense e o Foz Cataratas em 2019. Através do estudo de caso, pode-se observar a chegada de três novos uniformes repassado para as jogadoras e para a equipe técnica, da marca umbro, com os logos do Foz Cataratas e do Athletico Paranaense. Um deles, era utilizado somente nos períodos de treinos, outro nos momentos de jogos e um conjunto de agasalho para a circulação das jogadoras e da equipe técnica nas viagens (aeroporto e hotéis). Para obtenção de maiores informações sobre os efeitos da parceria entre Foz Cataratas e o Athletico Paranaense foi analisada a pergunta<sup>9</sup> realizada para os agentes em entrevista.

Para T/D, a parceria entre os dois times ocorreu de modo espontâneo, através de seu contato com o gestor do Athletico Paranaense, Marcio Lara, sendo uma ação positiva na medida que os grandes clubes - denominados assim por ele - podem colaborar com times menores; contudo, compreende que a medida foi mais vantajosa para a equipe grande, pois criar um time independente demandaria muito mais economicamente. “Uma pessoa que trabalha no Foz, ela tem um patamar salarial. Quem vai trabalhar no Athletico, vai querer ter o patamar do Athletico. Então, se o Foz, um exemplo, tem um custo mensal de 50, o Athletico com certeza teria um custo mensal de 200” (T/D, entrevista concedida em 2019). Além disso, os times pequenos precisam negociar continuamente com os clubes grandes para conseguir um melhor aporte econômico. “O Athletico nos dá um aporte, que com certeza [...] poderia ser pelo menos o dobro. Isso não chegaria à metade do que eles gastariam para ter a estrutura própria mantida. [...] Hoje, temos um repasse financeiro e material” (T/D, entrevista concedida em 2019). Diante disso, T/D compreende-se que seria importante que os grandes clubes, ao fazerem parcerias, estejam realmente envolvidos na intenção de colaborar com a estrutura das equipes femininas, não por obrigação, mas para fazer crescer a modalidade em seus vários aspectos.

<sup>9</sup> Pergunta: Existe uma nova medida que obriga os clubes de “série A” a obter times femininos de futebol. Como você vê essa medida? E quais as influências da parceria entre o Foz Cataratas e o Athletico Paranaense?

Dentre as jogadoras respondentes (14) ficou evidente o questionamento acerca da obrigatoriedade da medida. “Eles [clubes] teriam que, a vou representar as meninas, porque elas também nos representam. Mas não, na verdade eles só fizeram isso, porque fizeram a lei [...] se isso não tivesse acontecido, até hoje a gente não tinha esses clubes de camisa dando apoio ao futebol feminino” (J5, entrevista concedida em 2019). A jogadora 15 corrobora, “Quando você obriga alguém fazer algo sempre dá errado [...] os clubes hoje teriam que fazer de coração [...] Se fosse para os clubes hoje de camisa ter o futebol feminino, que fosse não por obrigação, mas que fosse por vontade de dar o ponta pé inicial (J15, entrevista concedida em 2019). De acordo com as jogadoras, os clubes não deveriam investir no futebol de mulheres de forma obrigatória, mas sim pela importância do futebol mulheres para o campo esportivo – assim como elas destacam, desenvolver o futebol de mulheres pela representação dele na sociedade, buscando um verdadeiro reconhecimento para a modalidade.

Devido a obrigatoriedade da medida, as jogadoras enfatizaram a precariedade que envolveu as parcerias entre os clubes para a criação dos times femininos. A jogadora 1 destacou que os clubes pensam “Vou assinar uma parceria ali com algum time feminino, mas vou dar o dinheiro e eles que se virem [...] Nem sabe o que acontece com o dinheiro que mandam. Só levam o nome do grande clube, porque é obrigatório” (J1, entrevista concedida em 2019). A jogadora 7 ressalta que os recursos para a administração das equipes nem mesmo chega aos times femininos, entendendo que “Os clubes só vão ter um feminino para não pagar multa. Então, eles arrumam qualquer projeto que tem futebol feminino, dão a camisa e isso não vai agregar nada para a gente que sonha com um profissionalismo no Brasil (J7, entrevista concedida em 2019).

Nesse sentido, infere-se que essa obrigatoriedade trouxe um número maior de equipes femininas, mas acabaram não zelando pela efetividade da medida estabelecida, deixando à deriva a administração dos recursos repassados. Vale lembrar que Souza Junior (2013) observa certa relevância dos programas desenvolvi-

dos pelas entidades que visam a fomentar o futebol de mulheres, mas que, ao mesmo tempo, colaboram com a precarização da mobilidade, visto que não acompanham a forma com a qual seus membros estão implementando tais programas.

Dessa forma, na visão de algumas jogadoras a obrigatoriedade não trouxe um comprometimento do Athletico Paranaense com o Foz Cataratas, pois levam somente “o símbolo na camisa, porque o Athletico tem uma puta estrutura, [...] mas pra gente veio o que? No máximo um material básico, uniforme e só” (J2, entrevista concedida em 2019). A jogadora 10 salienta que não conseguiu observar os efeitos da parceria entre as equipes, “Eu não sei muito bem como está sendo essa parceria, sendo bem sincera. Mas a gente está com muitos problemas administrativos assim, problemas financeiros também” (J10, entrevista concedida em 2019). Mesmo com a parceria entre as equipes, o Foz Cataratas passava por dificuldades financeiras, afetando o elenco de jogadoras, a equipe técnica, os salários e outras questões. Por outro lado, embora as dificuldades fossem constantes, algumas jogadoras entendem que a medida foi necessária, pois abriu “muito espaço e oportunidade. Os clubes estão começando a enxergar com outros olhos [...] e isso vai fazer crescer a modalidade. Infelizmente eles estão sendo obrigados, mas felizmente, aconteceu (J16, entrevista concedida em 2019).

Entretanto, para a jogadora 13 essa oportunidade não vai chegar para todas as equipes. “Tem equipes que estão na trajetória do futebol feminino já a tempos, que vai perder muitas atletas para os times grandes [...] Não é só ter times grandes, é preciso manter os pequenos também. A gente tem que apoiar o futebol feminino no geral (J13, entrevista concedida em 2019). Neste sentido, vale lembrar do capital econômico dos “clubes de camisa” e/ou “grandes clubes”, como o Palmeiras e o Corinthians, por exemplo. Esses clubes constituíram times com alto potencial de competitividade, aumentando tanto o número de patrocinadores como o interesse do público em seus jogos. Em contrapartida, os times menores acabaram perdendo sua posição, ficando, cada vez mais, à margem nos campeonatos.



Oliveira e Vespa (2021) mostram que o Licenciamento de Clubes da CONMEBOL (2019) alterou a dinâmica da competição e reduziu o espaço dos times pequenos na elite do futebol feminino, citando o São José-SP, que foi o único time a participar de todas as edições da Série A1 do brasileiro. No entanto, eles mencionam que nem mesmo o currículo deste time é capaz de fazer frente às equipes de camisa (Oliveira; Vespa, 2021).

A coordenadora de competições femininas da CBF, Aline Pellegrino, ressaltou que o Licenciamento de Clubes que estabeleceu a medida obrigatória para clubes grandes criarem time feminino, também estabeleceu critérios desportivos, administrativos e estruturais, os quais colocados em prática poderiam continuar com o desenvolvimento global do futebol brasileiro. Nesse mesmo sentido, a coordenadora de futebol feminino da Federação Paulista de Futebol, Ana Lorena Marche, relatou que o licenciamento dos clubes possui um mecanismo, que colabora com as equipes que não fazem um time por obrigação. “Quando todos foram avisados da mudança, começou a profissionalizar o departamento de olho nesses grandes clubes [...] Se não fizesse isso, não começasse a se profissionalizar, não ia bater de frente com eles (Oliveira; Vespa, 2021). Entretanto, o mecanismo supracitado pela coordenadora não ficou evidente na realidade do futebol de mulheres, na medida muitos times pioneiros e independentes (mais pobres) estão encontrando dificuldades para se manter na disputa de campeonatos. Assim como foi observado através do Foz Cataratas, que fez a parceria, mas não obteve melhora nas condições estruturais para a atuação das jogadoras e perdeu espaço dentro dos campeonatos.

## Considerações finais

Conclui-se que a região Sul, e mais especificamente o estado do Paraná, não se destacam no futebol de mulheres, pois estão na “contramão do crescente” na modalidade que ocorre no país.

Contudo, é importante destacar que, mesmo diante das dificuldades, o Foz Cataratas obteve diferentes conquistas a nível estadual e nacional. Com o decorrer do tempo, a baixa no capital econômico, a falta de patrocínios e de parcerias efetivas afetou a estrutura da equipe.

Dessa forma, a medida obrigatória proposta pelas entidades é positiva, pois trouxe maior número de oportunidades às mulheres, porém, não garantiu condições favoráveis para que elas pudessem avançar no futebol de alto rendimento. Isso ocorre especialmente com times de fora da região Sudeste, que possuem pouco capital econômico e social. Em contrapartida, as equipes com alto volume de capital criam times com um elenco de maior nível, conseguindo se manter no campo esportivo de modo dominante.

Acredita-se que a medida obrigatória para as jogadoras da equipe do Foz Cataratas em 2019 foi uma frustração, pois não se obteve o retorno esperado, na medida que a parceria com o Athletico Paranaense ocorreu de modo obrigatório, ou seja, para “cumprir protocolo”. Em síntese, percebe-se um declínio da equipe após o rompimento desta parceria, mas ao mesmo tempo a vontade de continuar nesse campo, contando com um elenco menor de jogadoras, mas lutando para continuar competindo até os dias atuais.

## Referências

ALVES, C. Montar time feminino é exigência para equipes da Série A. *ge.globo.com*, [s. l.], 4 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2019.

BALARDIN, G. F. *et al.* O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de futsal e futebol**, São Paulo, v. 10, n. 36, p. 101- 109, abr. 2018.

Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/549>. Acesso em: 10. Jan 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. **Lei nº 13.155, de 4 de agosto de 2015**. Estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13155.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13155.htm). Acesso em: 25 ago. 2021.

CACIOLI, R. Mesmo obrigados, clubes da Série A ignoram futebol feminino. **Estadão**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mesmo-obrigados-clubes-da-serie-a-ignoram-futebol-feminino,70002273870>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regulamento de Licença de Clubes. **Confederação Brasileira de Futebol**, [s. l.], 2017. Disponível em: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201702/20170208174032\\_0.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201702/20170208174032_0.pdf). Acesso em: 14 jul. 2018.

CONMEBOL. **Regulamento de Licença de Clubes**. CONMEBOL, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/documents/reglamento-de-licencia-de-clubes-portugues.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

CONSENZO, L.; CARDOSO, R.; AQUINO, A. Clubes brasileiros não obedecem regra da Conmebol sobre futebol feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2018. Disponível em: <https://>

www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/clubes-brasileiros-nao-obedecem-regra-da-conmebol-sobre-futebol-feminino.shtml. Acesso em: 16 abr. 2019.

CONSENZO, L.; CARDOSO, R.; AQUINO, A. Clubes brasileiros não obedecem regra da Conmebol sobre futebol feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/clubes-brasileiros-nao-obedecem-regra-da-conmebol-sobre-futebol-feminino.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2019.

COSTA, M. G. B. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 8, n. 31, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, p. 379-386. jan./dez., 2016. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/502>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). **Women's Football Strategy**. Zurich: FIFA, 2018. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/women-s-football-strategy.pdf?cloudid=z7w21ghir8jb9tguvbcq>. Acesso em: 20 mar. 2019

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FAVERO, P. M. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/pt-br.php>. Acesso em 10. Jan 2024

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 1-15, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt>. Acesso em 23 jan. 2024.

FREITAS JR, M. A. de. **Operário Ferroviário Esporte Clube:** um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Departamento de Serviço Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/604222/>. Acesso em: 10 jan.2024.

ITAIPU BINACIONAL. Foz Futebol feminino retoma os trabalhos no campo da Itaipu Binacional. **Itaipu Binacional**, [s. l.], 25 jan. de 2013. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/foz-futebol-feminino-retoma-os-trabalhosno-campo-da-itaipu-binacional>. Acesso em: 22 jun. 2022.

HAAG, F. R. O Futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/73997>. Acesso em: 10. Jan 2024.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ogras:** uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131770>. Acesso em: 10. Jan 2024.

MACHADO, F. Marta, futebol de mulheres e outras pitadas a mais... **Ludopédio**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/marta-futebol-de-mulheres-e-outras-pitadas-a-mais/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MELO, L. Foz Cataratas futebol feminino faz vaquinha para arrecadar dinheiro e se manter na temporada 2020. **Clickfoz**, Foz de Iguaçu, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.>

clickfozdoiguacu.com.br/foz-cataratas-feminino-faz-vaquinha-para-arrecadar-dinheiro-e-se-manter-na-temporada-2020/. Acesso em: 07 out. 2021.

NEVES, A. B.; AZAMBUJA, B. Libertadores, Profut, política e CTs: futebol feminino se prepara para futuro. **ge.globo.com**, [s. l.], 12 jan. 2017. Disponível em: <http://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/libertadores-profut-politica-e-cts-futebol-feminino-se-prepara-para-futuro.html>. Acesso em: 26 set. 2021.

OLIVEIRA, A. F.; VESPA, T. O peso da camisa: Como regra da CBF que obriga times grandes a manter equipes femininas impactou o Campeonato Brasileiro. **Uolesportes**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/pequenos-do-femininolutam-para-sobreviver-ao-brasileirao-das-camisas/#cover>. Acesso em: 16 jan. 2022

PEREIRA, C. A.; GARBOGGIN, L. S. B. A obrigação explica o desenvolvimento: clubes cariocas e o futebol feminino em 2019. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43, 2020, Belém. **Anais [...]**. Belém: INTERCOM, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2773-1.pdf>. Acesso em: 10. Jan 2024.

PEREIRA, M. C. **A construção de um habitus de luta no futebol de mulheres: estudo de caso de uma equipe situada no estado do Paraná**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3688>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PISANI, M. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100982>. Acesso em: 10.jan 2024.

PIZARRO, J. O.; RIAL, C. S. M. Governança global: visões teóricas e pluralidade de atores. **Relaciones Internacionales**, Buenos Aires, n. 54, 2018. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/RRII-IRI/article/download/3820/4639/14841>. Acesso em: 10 jan.2024.

SALVINI, L.; MARCHI JUNIOR. W Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n49p99>. Acesso em: 10.jan 2024.

SAVIANI, R. Paranaense Feminino não cresce e terá apenas quatro times na edição de 2019. **ge.globo.com**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/paranaensefeminino-nao-cresce-e-tera-apenas-quatro-times-na-edicao-de-2019.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SOUZA JUNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/902247>. Acesso em: 23 jan. 2024.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não



representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.